



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tragédia e Filosofia: o saber-poder de Édipo

Por: Daniel Salésio Vandresen⁴⁸
 daniel.vandresen@ifpr.edu.br

Resumo

O objetivo deste texto é apresentar uma interpretação da obra Édipo Rei de Sófocles como um discurso histórico, político e jurídico. Pretende-se analisar o discurso no gênero trágico como um momento intermediário entre o distanciamento da mitologia e a constituição da razão filosófica. Segundo Foucault, Édipo coloca em ação um inquérito da verdade, ou seja, uma investigação, em que o soberano e o povo, ignorando a verdade, utilizam certas técnicas para descobrir a verdade. Atitude que testemunha o aparecimento das práticas judiciárias gregas. Deste modo, a tragédia revela a atividade de certas práticas jurídicas para descobrir a verdade na época da Grécia Clássica (séc. V e IV a. C.), momento em que se está configurando como berço da democracia. Ainda, Édipo coloca em ação a relação saber-poder própria dos sofistas da Época Clássica. Relação que é rompida com razão e constitui o grande mito Ocidental de que onde há saber não existe o poder. Enfim, esta proposta pretende tematizar o deslocamento de um discurso político, permeado por relações de saber-poder, para um discurso filosófico que busca a verdade fora das relações de poder.

Palavras-chave: Édipo Rei; Tragédia; Filosofia; Saber-Poder.

Resumo

La objektivo de ĉi papero estas prezenti legon de Édipo Reĝo, de Sófocles kiel historiaj, politikaj kaj juraj diskurso. Celigas analizi paroladon en la tragika varo kiel intera punkto inter la breĉo de mitologio kaj la konstitucio de Filozofa racio. Laŭ Foucault,

48 Doutorando em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/ Marília – SP, mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Toledo/ PR, especialista em História do Brasil pela Universidade Paranaense – UNIPAR e graduado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. É servidor público federal, docente EBTT da disciplina de Filosofia, lotado no campus do Instituto Federal do Paraná – IFPR da cidade de Coronel Vivida/ PR. É Coordenador Financeiro e pesquisador-efetivo do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR, vinculado a Linha de Pesquisa de Filosofia. É coordenador do projeto de pesquisa O ensino de Filosofia no Ensino Médio Técnico no IFPR: questionemos nossa prática com a técnica, é integrante do projeto de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias. É autor de artigos científicos em periódicos nacionais, co-autor dos livros “IΦ-Sophia Umuarama: Filosofia, educação e autonomia – 2012” (2015) e “Filosofia Contemporânea: Deleuze, Guatarri e Foucault” (2013).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Édipo aroj en moviĝo esploron de vero, tio esploro, en kiuj la suverenon kaj la popolo ignorante la fakton, uzi iujn teknikojn por malkrovi la veron. Sinteno atestante la apero de la grekaj juĝaj praktikoj. Tiel, la tragedio malkaŝas la aktivecon de certaj juraj praktikoj por malkrovi la veron en la momento de Klasika Grekio (jarcento V kaj IV a. K.), je kiu punkto vi instalas kiel la lulilo de demokratio. Ankoraŭ, Édipo metas en agonla rilato scio-potenco mem de la sofistoj Klasika periodo. Rilato kiu rompas racion kaj estas la granda Okcidenta mito, ke kie estas scii estas nenia potenco. Finfine, tiu propono celas temigi la movon de politika parolado, trapenetris de rilatoj de povoscion, por Filozofia diskurso kiu celas veron el potencirilatoj.

Ŝlosilovortoj: Édipo Reĝo; Tragedio; Filozofio; Scio-povo.

Abstract

The objective of this paper is to present an interpretation of King Oedipus by Sophocles work as a historical, political and legal discourse. It intends to analyze the speech in the tragic genre as an intermediate point between the gap of mythology and the constitution of philosophical reason. According to Foucault, Oedipus sets in motion an investigation of truth, ie an investigation, in which the sovereign and the people, ignoring the fact, use certain techniques to uncover the truth. Attitude witnessing the emergence of the Greek judicial practices. Thus, the tragedy reveals the activity of certain legal practices to uncover the truth at the time of Classical Greece (century. V and IV a. C.), at which point you are setting up as the cradle of democracy. Still, Oedipus puts in action the relationship knowledge-power itself of the sophists of the Classical Era. Relationship that is broken with reason and is the great Western myth that where there is to know there is no power. Anyway, this proposal seeks to thematize the displacement of a political speech, permeated by relations of power-knowledge, for a philosophical discourse that seeks the truth out of power relations.

Key Words: King Oedipus, tragedy ; philosophy; Know- Power

Introdução

O mito de Édipo tem permanecido com forte influência na história Ocidental, não só por causa da sua forte presença na psicanálise introduzida por Freud, mas por fazer parte de várias reinterpretações, como: nas versões do



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

romano Júlio Cezar e Sêneca, e nas leituras teóricas de Aristóteles, Nietzsche, Deleuze e Félix Guattari, Claude Lévi-Strauss, Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, Michel Foucault, entre outros. Além da presença em peças teatrais contemporâneas.

Tendo em vista este cenário de produção, este trabalho⁴⁹ se desenvolve a partir de dois pressupostos: primeiro, realizar a crítica da psicanálise, ou seja, mostrar a inconsistência da interpretação freudiana do mito de Édipo Rei pelo inconsciente e o sentimento de culpabilidade (Complexo de Édipo); segundo, promover uma leitura histórica, política e jurídica da tragédia de Édipo Rei, tendo como base teórica o pensamento de Foucault, Vernant e Vidal-Naquet.

Este trabalho começa abordando o papel educacional da tragédia em introduzir a concepção do discurso democrático na Grécia do século V a. C. Depois, analisamos a peça Édipo Rei de Sófocles, situando no contexto do pensamento filosófico; em seguida, mostramos à crítica a interpretação psicanalítica do complexo de Édipo; para enfim, descrever sobre a relação saber-poder do Édipo.

O discurso da tragédia grega

A tragédia grega se desenvolveu em um curto período de tempo, no fim do séc. VI a.C. e durante o séc. V a.C. Uma de suas principais características é se realizar na forma de drama, ou seja, coloca em ação conflitos entre uma personagem e algum poder de instância maior, como a lei, os deuses, o destino ou a sociedade. Ao narrar as aventuras e prodígios dos heróis, bem como suas desventuras e fracassos, tem como objetivo retratar os problemas fundamentais da

49. O presente trabalho é fruto das reflexões desenvolvidas durante o projeto de extensão *IF Sophia* em 2013, desenvolvido no IFPR/Câmpus Assis Chateaubriand, sob a coordenação do prof. José Provetti Junior e o prof. Daniel Salésio Vandresen.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

condição humana.

Alguns autores, como por exemplo, Aranha e Martines (2009, p. 235) consideram a tragédia como intermediária entre o Mito, que não foi totalmente superado, e a Filosofia, que ainda não se firmou como consciência filosófica. Assim, a tragédia realiza uma função social de ensinar o caminho da virtude em um período de transição.

Para Aristóteles, na Poética, a tragédia é considerada como uma reflexão sobre a condição humana. E cumpre um papel educacional de formação do cidadão, de orientar o indivíduo a estar preparado para momentos de reviravolta. Em sua função educativa se realiza pela *Catarse* (purificação da alma), um processo de reconhecer a si mesmo e buscar a justa medida. Para Aristóteles a tragédia tem dois elementos essenciais: a *peripécia*, que é o movimento interno que faz com que a fortuna dos personagens se transforme (os potentes se tornem miseráveis). A *peripécia* é uma mudança inevitável de um estado de coisas para o seu oposto. E o reconhecimento, que chama de *anagnórisis*, ou seja, o que não se sabia torna-se descoberto no fim. “A mais bela de todas as formas de reconhecimento é a que se dá juntamente com a *peripécia*, como, por exemplo, no Édipo” (ARISTÓTELES, Poética, XI, 62).

Segundo Romilly (1998, p. 138) a tragédia tem duas fontes de inspiração: o passado mítico e atualidade política, que implicavam um risco de deformação (evitar o perigo das tiranias). Já para Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 3s) a tragédia passa a ver o mito com os olhos do cidadão, a matéria da tragédia é o pensamento social próprio da cidade. A tragédia representa a passagem para um ambiente cívico-jurídico da polis.

A última fala da peça retrata bem isso. A fala é do Corifeu, representante



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do coro, que simboliza o sentimento e o pensamento do povo, da cidade (polis).

Vede bem, habitantes de Tebas, meus **concidadãos!**
 Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos;
 ele foi um senhor poderoso e por certo o invejastes
 em seus dias passados de prosperidade invulgar.
 Em que abismos de **imensa desdita** ele agora caiu!
 Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos
não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade
 antes dele cruzar as fronteiras da vida inconstante
 sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento!
 (SÓFOCLES, 2004, p. 97, v. 1804-1810, grifo nosso).

A passagem retrata o ambiente cívico da polis, o Corifeu chama os habitantes da cidade de concidadãos. Além disso, mostra a peripécia por qual está sujeita a condição humana.

Outro exemplo que retrata isso, diz respeito em como eram realizados os julgamentos das peças nos concursos trágicos⁵⁰. Segundo Pereira (apud Sanches, p. 221), o julgamento da peça passa pelas seguintes etapas: primeiro, uma lista de nomes das dez tribos são colocados em uma urna; depois, no começo das representações eram tirados dez nomes; em seguida, os escolhidos juravam imparcialidade e escreviam a ordem dos méritos em uma tabuinha; então, eram colocadas em uma urna, da qual eram tiradas cinco ao acaso e destes era tomada a decisão.

A tragédia Édipo rei

A tragédia Édipo Rei escrita por Sófocles (496 a.C. a 406 a.C.), conta a história do Rei Édipo em seu governo na cidade de Tebas. A peça Édipo Rei⁵¹ foi

50 Os concursos trágicos tem origem nas festas dionisíacas, que são competições democráticas em homenagem ao deus Dionísio. A primeira competição foi em 543 a.C., vencida por Téspis. Aristóteles o considera o primeiro ator Ocidental, pois introduziu a figura do ator principal, destacando-se do coro.

51 A peça faz parte da Trilogia Tebana, escrita por Sófocles. A segunda é Édipo em Colono

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

representa pela primeira vez em 427 ou 430 a.C. A mesma tem como primeira cena a investigação para descobrir as causas da peste, que para Édipo ameaçam seu reinado.

A obra de Sófocles é uma leitura de um mito já existente. Ésquilo foi o primeiro a encenar a história de Édipo, em 467 a.C. Na versão de Homero, Édipo morre tranquilo no trono de Tebas, sem exílio e sem furar os olhos. Já na versão de Sófocles aparecem os recursos trágicos, além de utilizar de dois oráculos (que Laio e Édipo recebem no templo de Apolo). Édipo diz: “fui ao oráculo de Delfos mas Apolo não se dignou de desfazer as minhas dúvidas” (SÓFOCLES, 2004, p. 58, v. 940-41). Temos aqui um primeiro elemento do discurso filosófico na tragédia. Édipo vai ao templo, pois tem dúvidas sobre sua origem. Édipo não desfaz suas dúvidas. Édipo não conhece a si mesmo. Com o recurso ao oráculo de Édipo, Sófocles mostra que é Édipo que tem que realizar o caminho para descobrir sua origem. Sendo que sua busca tem início com o Oráculo de Delfos, no templo de Apolo, onde segundo a tradição há uma inscrição no pórtico que diz “Conhece-te a ti mesmo”, frase que se tornaria a pedra-angular da filosofia de Sócrates. Assim, pode-se dizer que Édipo representa o espírito do homem grego em sua busca por si.

A cena entre Édipo e a Esfinge é outro momento que retrata um distanciamento da tradição mítica. A Esfinge e seu enigma representam a tradição e as potências divinas. Observe na imagem abaixo, como Édipo está na posição que retrata o pensador/filósofo (seu saber desvenda o enigma da esfinge). Mas um

(representa pela 1ª. vez em 401 a.C., por um neto): retrata o exílio e a morte de Édipo. A terceira é Antígona (representa pela 1ª. vez em 441 a.C.): relata a disputa pelo trono entre Etéocles e Polinices, filhos de Édipo com Jocasta. Tendo como tema principal: o choque entre o direito natural (defendido por Antígona) e o direito positivo (defendido por Creonte, atual Rei), no caso do funeral de Polinices.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

saber que se realiza com poder, pois rompe com a estrutura mítica. E também, um poder estratégico, veja como uma de suas mãos segura seu cajado como sinal de alerta caso a esfinge o ataque.



Imagem: "Édipo e a Esfinge" de Vulci. h. 460 a.C. Atribuído ao Édipo pintor. Museu do Vaticano, em Roma. Catalog n. 16.541. Fonte: <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/la-cruel-cantora-la-esfinge-de>, acesso em 9/02/2013.

Segundo Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 84) o enigma da esfinge trata do homem, mas também da própria história de Édipo.

O saber de Édipo, quando ele decifra o enigma da Esfinge, trata já, de uma certa forma, **dele mesmo**. Qual é o ser, interroga a sinistra cantora, que é ao mesmo trampo *dípous, trípous, tetrápous*? Para *Oidípous*, o mistério é penas aparente; **trata-se dele, é claro, trata-se do homem** (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1999, p. 84, grifos nossos).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 83) há um duplo sentido nome de Édipo=Oidípous: poús (pé), pé inchado (oídos), mas também o que sabe (oída). Édipo se coloca na posição de saber, o que desvendou a esfinge. Na versão do enigma por desses autores, vemos Édipo como: criança excluída (*tetrâpous*), Rei que sabe (*dípous*) e velho exilado (*trípous*), que precisa ser conduzido (uma de suas filhas o conduz no exílio, veja a obra Édipo em Colono). E mesmo desvendando o enigma da esfinge, Édipo continua sem saber quem é e qual a sua origem. Assim, podemos dizer que ele desvendou parte do mistério da esfinge, a parte que se refere ao homem, mas a parte que se refere a si mesmo, a sua história, ainda não foi compreendido. Por isso, em alguns momentos da história vai dizer: “Irrompa o que tiver de vir, mas minha origem, humilde como for, insisto em conhecê-la!” (SÓFOCLES, 2004, p. 75, v. 1271/72).

Deste modo, podemos explicar a história de Édipo Rei pelo caminho que Édipo precisa fazer para conhecer sua origem. Essa também é a ideia defendida por Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 68), o qual aponta que Édipo também é o objeto em questão. “Esse enigma que ele é incapaz de decifrar: quem sou eu?” (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1999, p. 68). E que só no fim é capaz de reconhecer que após não ser mais nada se transforma verdadeiramente em um ser humano.

Édipo sem complexo

Talvez a interpretação mais conhecida e a que mais influência exerceu sobre a cultura moderna foi da teoria psicanalítica de Sigmund Freud (1856-1939). O autor interpreta a história de Édipo pelo que denomina de Complexo de Édipo, o qual significa o sentimento de culpa gerado pela relação de desejos de amor e ódio entre pais e filhos. Para Freud essa relação infantil é determinante para o desenvolvimento do super-ego⁵², este é um dos elementos do inconsciente

52 Não é objetivo deste trabalho aprofundar a teoria freudiana sobre o Inconsciente. Apresenta-se



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

responsável pela formação da censura, a qual impede de satisfazer os instintos e desejos. Assim, para Freud, os conflitos vivenciados por Édipo representam um modelo do drama existencial humano.

Para Vernant e Vidal-Naquet, no texto “Édipo sem complexo” (1999, p. 53s) a interpretação freudiana não tem nenhuma referência histórica, primeiro porque na história Édipo acredita ser filho do Rei de Corinto, então não poderia desenvolver tal complexo. “Se ele se crê realmente, como o afirma tantas vezes, o filho afetuoso e querido dos soberanos de Corinto, é claro que o herói do Édipo Rei não tem o menor complexo de Édipo” (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1999, p. 68). Segundo, a referência ao sonho de união com a mãe, utilizado na leitura de Freud, falha na interpretação histórica, pois segundo Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 71) é preciso compreender este fato pelo sentido oracular (que faz menção ao episódio de Hípias descrito por Heródoto, uma referência histórica ao governo que introduziu a tirania em Atenas em seu governo de 527-510 a. C.). Além disso, para os gregos o sonho de união com a mãe significa retorno, posse da terra ou conquista do poder. Portanto, para Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 55) a matéria da tragédia não é o sonho, mas o pensamento social próprio da cidade no séc. V a.C. Ainda diz: “Não é, portanto, o sonho, posto como uma realidade a-histórica, que

aqui a teoria do Complexo de Édipo, porque além de ser a mais conhecida interpretação de Édipo, também é o que mais influenciou nossa cultura moderna. Na teoria de Freud a mente aparece dividida em três instâncias: o Id – que seria a energia psíquica ou forças pulsionais que estão no inconsciente. A energia que preside os atos humanos é de natureza pulsional (libido: desejo em busca da realização pelo princípio do prazer); o Super-ego (super-eu) – seria a censura das pulsões que a sociedade impõe ao Id e que estão no inconsciente. A Sociedade através do controle e regulação dos desejos forma a consciência moral. O seu papel é assimilável ao de um juiz. E dele nasce o sentimento de culpa. O super-ego se desenvolve no período de latência (dos 6 anos a puberdade ou adolescência); já o Ego (eu) – se refere a consciência e obedece ao princípio da realidade (encontrar objetos que possam satisfazê-lo). Optou-se por descrever rapidamente seus elementos para situar o leitor na crítica realizada por Vernant e Foucault.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pode conter e revelar o sentido das obras de cultura” (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1999, p. 71).

Para Freud o sentimento de culpa de Édipo (ao se cegar) e Jocasta (que se enforca) evidenciaria o Complexo de Édipo. No entanto, segundo Ordep J. T. Serra (p 19) Freud distorce ao tomar a culpa como dado objetivo da tragédia. Isto porque Sófocles não coloca o problema da culpabilidade, pois o recurso aos elementos trágicos (Édipo se cegar e Jocasta se enforcar) são para dar força ao gênero literário, além do que, estes elementos não faziam parte das versões anteriores (Homero, Píndaro, Ésquilo).

Para Vernant e Vidal-Naquet não há como Édipo ter esse sentimento de culpa, pois nem se quer imagina ser filho de Laio. Por ocasião da notícia da morte de Políbio (Rei de Corinto) pelo mensageiro de Corinto, Édipo não teme por não ser filho de Políbio e, como consequência, ser talvez filho de Laio, mas “teme uma baixa origem, um sangue do qual se envergonhar” (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1999, p. 68).

Além disso, no próprio texto de Sófocles percebe-se a inconsistência da teoria da culpabilidade. Primeiro, porque Édipo mesmo diz que: “Foi Apolo o autor de meus males [...] Mas fui eu quem vazou os meus olhos.” (SÓFOCLES, 2004, p. 88, v. 1577 e 79). Não foi culpa ou castigo dos deuses, Édipo mesmo assume que foi o autor de sua cegueira. E o motivo que levou a isso não foi o sentimento de culpa, mas a vergonha de encarar seu povo. Como diz: “Depois de ter conhecimento dessa mácula que pesa sobre mim, eu poderia ver meu povo sem baixar os olhos? Não!” (SÓFOCLES, 2004, p. 90, v. 1635-37). Depois, Édipo exprime em vários momentos a terrível vergonha que o atinge: “Ai de mim! Como sou infeliz!” (cf. os versos 1550 e 1560, 1580, 1601). O que demonstra o quando está surpreso inconformado com a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

peripécia que o atinge. Já na obra “Édipo em Colono” Édipo se declara inocente de tudo que aconteceu.

Com estes recursos trágicos Sófocles introduz um elemento importante para questionar o destino, a ideia de que o ser humano também é autor de sua própria tragédia. E, também, que é preciso ver o sofrimento como necessidade de pensar e agir com prudência e moderação.

Outra leitura crítica a interpretação freudiana foi desenvolvida por Deleuze e Guattari na obra *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (1972). Nela os autores expressão a influência do cenário das revoluções de maio de 68, fazendo da obra um programa ético-político. Para os autores, Édipo não representa uma verdade atemporal do desejo, tal como Freud formula no complexo de Édipo, mas se manifesta como um instrumento psicanalista para conter o desejo como um drama da família burguesa. Essa atitude bloqueia as forças produtivas do inconsciente. Por isso, Anti-Édipo tem por objetivo compreender e libertar a potência revolucionária do desejo.

Essa também é a ideia de Foucault (2005, p. 29s), para o qual o Édipo de Freud é um instrumento de poder. Um modo do poder psicanalítico conter o desejo e fazê-lo entrar na estrutura familiar. Deste modo, garantir que o desejo não se difunda no mundo histórico.

Deleuze e Guattari darão continuidade a este pensamento nos textos: *Kafka: por uma literatura menor* (1975) e *Mil Platôs* (1980). No primeiro, os autores defendem que uma obra precisa ser política. Segundo Deleuze e Guattari (1977, p. 26) os romances de Kafka se configuram como uma literatura menor, onde cada caso individual está imediatamente ligado com a política. O triângulo familiar é determinado pelos valores econômicos, comerciais, jurídicos, portanto,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

não se trata de uma fantasia edipiana, mas de um programa político.

No segundo texto, que tem por objetivo abordar em síntese a multiplicidade do pensamento. Os autores abordam sobre Édipo:

A reação contra 68 iria mostrar a que ponto o Édipo familiar passava bem e continuava a impor seu regime de choramingo pueril na psicanálise, na literatura e por toda parte no pensamento. De modo que o Édipo continuava a ser nossa ocupação. Ao passo que *Mil platôs*, apesar de seu fracasso aparente, fazia com que déssemos um passo à frente, ao menos para nós, e abordássemos terras desconhecidas, virgens de Édipo, que o *Anti-Edipo* tinha apenas visto de longe sem nelas penetrar (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 8).

O título Mil Platôs significa fazer aparecer a multiplicidade e suas conexões, "terras desconhecidas", "virgens de Édipo", ou seja, fazer acontecer devires, rizomas⁵³. A interpretação freudiana aprisiona Édipo em desejo e impede a criação. Os autores percebem essa atitude nos romances de Kafka. "As coisas que me vêm ao espírito se apresentam não por sua raiz, mas por um ponto qualquer situado em seu meio. Tentem então retê-las, tentem então reter um pedaço de erva que começa a crescer somente no meio da haste e manter-se ao lado" (Kafka apud DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36). Em Kafka se tem a dimensão criativa.

O saber poder de Édipo rei

Outra análise da peça é realizada por Michel Foucault, o qual trata sobre o papel de Édipo na obra *A Verdade e as Formas Jurídicas* (conferência na PUC/Rio maio/1973), mais especificamente na Segunda Conferência, páginas 29 a 51 do livro, onde a tragédia de Édipo aparece como o primeiro testemunho das práticas judiciárias gregas, pois mostra a busca por procedimentos e técnicas humanas para

53 O termo tem origem na botânica, se refere aos tubérculos. Significa que de uma raiz podem se criar outras a partir de um ponto qualquer.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

descobrir a verdade sobre a morte do rei Laio.

Foucault descreve a peça de Sófocles como um inquérito, uma investigação histórica em que o soberano (Édipo Rei) e o povo (representados pelo Coro e o Corifeu), ignorando a verdade, utilizam certas técnicas para pesquisar a verdade. Assim, diz Foucault: “uma forma de justiça ligada a um saber em que a verdade era posta como visível, constatável, mensurável” (1997, p. 16). Ideia também defendida por Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 67): “E todo o drama é, de uma certa forma, um enigma policial que Édipo deve esclarecer”.

O discurso jurídico é um assunto presente na democracia ateniense e nas obras dos dramaturgos gregos. A primeira peça em ordem histórica da trilogia de Sófocles é Antígona (representa pela 1ª. vez em 441 a. C., embora seja a terceira peça da Trilogia, pois trata da disputa pelo poder dos filhos de Édipo), a qual trata da disputa pelo trono entre Etéocles e Polinices, filhos de Édipo com Jocasta. Tendo como tema principal o choque entre o direito natural (defendido por Antígona) e o direito positivo (defendido por Creonte, atual Rei) pelo caso do funeral de Polinices.

Retomando o pensamento de Foucault sobre a organização da peça de Sófocles, o autor francês (2005, p. 34s) aponta que a peça obedece ao que chama de Lei das Metades, ou seja, a verdade está dividida. Para que ela seja descoberta é preciso juntar suas metades. Assim, diz: “É por metades que se ajustam e se encaixam que a descoberta da verdade procede em *Édipo*”.

Na análise de Foucault a primeira metade corresponde ao nível divino, sendo esta também dada em duas partes: a primeira, por Apolo que emite o oráculo dizendo ser a morte de Laio a causa da peste; a segunda, por Tirésias que diz a Édipo: “és o assassino que procuras” (SÓFOCLES, 2004, p. 35, v. 431). Para o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

autor, tudo está dito, mas na forma de prescrição/profecia (dimensão do futuro). Para Édipo não é suficiente. Falta a dimensão do presente e do passado (falta o testemunho). A segunda metade corresponde ao nível humano, sendo esta também dada em outras duas partes, que se refere as testemunhas: primeiro, de Jocasta e Édipo, que em diálogo relembram a morte de Laio no entroncamento de três caminhos. Mas, a dúvida contínua e se desvanece pela investigação da segunda parte, pelos testemunhos do escravo de Corinto (o qual revela que Édipo não é filho do Rei Políbio) e o pastor de ovelhas (revela ter recebido Édipo de Jocasta, provando ser Édipo filho de Laio).

Para Foucault (2005, p. 38) essa lei das metades corresponde a uma técnica do símbolo grego, uma prática famosa que consiste em guardar um segredo por meio de duas partes de um objeto, que ao ser quebrado era confiado uma parte a outra pessoa. Assim, o poder se manifesta por um jogo de fragmentos. Para o autor, essa técnica revela uma prática jurídica e política para manter o poder. Édipo tem o trabalho de montar esse quebra-cabeça de sua própria história dividida. A história exprime através da relação entre verdade, saber e poder, que Édipo ao não controlar os fragmentos de verdade, deixa de possuir o saber e termina por perder o poder.

Segundo Foucault (2005, p. 40) a peça de Édipo mostra um deslocamento enunciativo da verdade, ou seja, a passagem do discurso profético (prescritivo) para outro discurso da ordem do testemunho (de ordem retrospectiva). Dizem e vêem a mesma coisa, mas não na mesma linguagem e nem com o mesmo olhar.

Outra característica importante da obra de Sófocles é o papel que o Corifeu exerce. Na peça o Corifeu aparece como mediador dos excessos de saber-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

poder do procedimento judiciário realizado por Édipo e, também como testemunha dos acontecimentos. No primeiro caso, alerta Édipo a ter prudência em suas conclusões, como por exemplo, na seguinte fala do Corifeu: “Não debes acolher jamais rumores vagos, não provados, para fazer acusações desprimorosas ao amigo” (SÓFOCLES, 2004, p. 51, v. 774-777). No segundo caso, o Corifeu mostra o papel da testemunha como garantia da verdade jurídica: “[...] sê esperançoso até que fale a testemunha e esclareça os fatos” (SÓFOCLES, 2004, p. 60, v. 997-98) e, também, quando Édipo pergunta ao Corifeu se reconhece o pastor, ele mesmo faz o papel de testemunhar a verdade: “Posso reconhecê-lo, se queres saber” (SÓFOCLES, 2004, p. 76, v. 1311).

Além deste aspecto jurídico destacado por Foucault, pretende-se aqui dar destaque a sua interpretação da relação saber-poder (conhecimento e política). O saber de Édipo se evidencia em toda a história, desde as dúvidas sobre sua origem que o movem ao oráculo de Delfos, como ao desvendar o enigma da esfinge e, também, na investigação que conduz para descobrir a verdade sobre a morte de Laio. Édipo deseja saber. Ele precisa saber, porque seu saber lhe dá condições de poder.

O saber de Édipo se evidencia em toda a história, desde as dúvidas sobre sua origem que o movem ao oráculo de Delfos, como ao desvendar o enigma da esfinge e, também, na investigação que conduz para descobrir a verdade sobre a morte de Laio. Édipo deseja saber⁵⁴. Ele precisa saber, porque seu saber lhe dá condições de poder.

O poder também faz parte da história de Édipo. Do poder que precisa

54 Há uma obra de Foucault ainda não publicado em português que trata o tema de Édipo pelo saber que ele detém. Título em francês: *Leçons sur la volonté de savoir: Cours au Collège de France (1970-1971)* suivi de *Le savoir d'Œdipe (Lições sobre a vontade de saber: Cursos no Collège de France (1970-1971)* seguido de *O Saber de Édipo*, tradução nossa).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

manter. A origem da história da tragédia tem início com o nascimento de Édipo, este ameaça o poder do pai. Já a peça Édipo Rei tem início com a peste, que Édipo mesmo admite ameaçar seu poder.

O tema do poder é central na peça de Sófocles. Fica evidente no próprio título *Oidípous Týrannos*. Segundo Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 70) a “[...] intenção trágica da peça, centrada no tema do poder absoluto de Édipo e da hýbris que necessariamente decorre disso”. O próprio título revela isso, não é Édipo incestuoso ou o desejo de Édipo, mas Édipo Rei, o tema de Sófocles trata, portanto, de seu poder. Sendo que a peça de Sófocles termina com a penúltima fala de Creonte: “Não pretendas mandar. Teu poder de outros tempos agora deixou de existir” (SÓFOCLES, 2004, p. 97, v. 1800/01).

O mecanismo do poder aparece de duas maneiras na peça de Sófocles: por um lado, seria o poder de Édipo Rei. Poder estratégico que o faz vencer a esfinge. Que o faz resistir diante das ameaças que o atingem, como da peste que ameaça sua soberania, como diante dos questionamentos de Creonte e Tirésias, que levam Édipo a dizer “tu que seguramente queres tirar-me a vida e despojar-me do poder?” (v.630/31), como, também, da própria incerteza do resultado da investigação. Sobre isso Foucault (2005, p. 42) diz: “Ele não se assusta com a ideia de que poderia ter matado o pai ou o rei. O que o assusta é perder o próprio poder”. Por outro lado, o poder também está presente sob outra instância: é o poder do testemunho. Nele o poder aparece dividido, onde cada indivíduo carrega informações únicas para o desfecho da história. Um poder do qual Édipo não tem controle.

Édipo representa na peça de Sófocles o governo tirânico que a democracia ateniense quer evitar. Segundo Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 2) o herói deixou de ser modelo e tornou-se objeto-problema para atingir o cidadão da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Atenas democrática. Por isso, em vários momentos na peça ele é Édipo Tirano, com atitudes que manifestam excesso de saber-poder, característicos dos Tiranos. A sede em descobrir a verdade (saber) e não perder o trono (poder) o leva a ameaçar de morte aqueles que não colaborarem com as investigações. Seu desejo pela verdade faz com que não escute as recomendações de sua mãe/esposa. Jocasta diz: “Nada me importa! Escuta-me! Por favor: pára!”, e Édipo responde: “Malgrado teu, decifrarei esse mistério” (SÓFOCLES, 2004, p. 74, v. 1257/58). E em outro momento diz: “Irrumpa o que tiver de vir, mas minha origem, humilde como for, insisto em conhecê-la” (SÓFOCLES, 2004, p. 75, v. 1271/72). Para Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 67), por estar muito seguro de si e confiante em seu julgamento, não é levado a duvidar de sua interpretação dos fatos. Essa atitude de Édipo revela sua *hýbris*, como já foi apontado por Vernant e Vidal-Naquet, a qual se refere a tudo aquilo que passa da justa medida, seu excesso de confiança e de saber-poder na sua investigação a qualquer custo.

A atitude do Rei Édipo representa para Sófocles o governo Tirano que precisa ser condenado e rejeitado. Assim, o herói relembra o passado de tiranias, sempre possível de retornar e que precisa estar presente na discussão da polis democrática.

Para Foucault a relação saber-poder presente em Édipo, presente também no jogo estratégico dos sofistas, será rompido com a filosofia de Platão. Sobre isso diz: “O Ocidente vai ser dominado pelo grande mito de que a verdade nunca pertence ao poder político [...]. Com Platão, se inicia um grande mito ocidental: o de que há antinomia entre saber e poder. Se há o saber, é preciso que ele renuncie ao poder” (FOUCAULT, 2005, p. 50-51). O que levou Foucault (2005, p.31) a dizer que se temos um complexo ele é coletivo e diz respeito a tradição



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

histórica que não percebe a verdade como um jogo de saber-poder. Segundo Victor Godschmidt (apud Vernant e Vidal-Naquet, 1999, p. 8) a tragédia representa ‘uma ação e vida’ e é contrária a verdade filosófica, que se desenvolve por uma lógica que não admite contradições. O homem trágico aparece solidário a lógica sofisticada, onde não existe um corte tão nítido entre o verdadeiro e o falso, sendo constituído de discursos duplos (*dissoi logoi*), que em oposição lutam entre si.

Foucault, seguindo as pegadas de Nietzsche, ao afirmar que a verdade se estabelece por uma relação estratégica de saber-poder, pretende demolir esse mito inaugurado pela filosofia de Platão.

Considerações finais

Neste trabalho descreveu-se sobre a Tragédia Grega e como ela é marcada pelo gênero dramático, no qual aborda temas da experiência humana explicados na ligação com as condições da vida social, cultural e política. Surge no período do século V a. C., marcando a passagem conflituosa do mito à filosofia. O mito de Édipo Rei de Sófocles reflete este contexto da reflexão sobre a vida humana em uma sociedade que se reorganiza pela democracia. Com isso, além de levar o cidadão a refletir enquanto ser humano, também criava um espaço de discussão sobre a organização política da polis nascente.

Ainda, procurou-se evidenciar que na obra de Sófocles predomina um olhar sobre o mito a partir da visão do cidadão da democracia ateniense. E que o discurso tão importante para que o indivíduo exerça seu papel de cidadão aparece na peça através da passagem do discurso autoritário da tradição profética para um discurso político e jurídico. Para Foucault, Vernant e Vidal-Naquet o direito participa da revolução no saber que marcou o século V a. C.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Referências

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética** . Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os Pensadores, v 2).
- ARANHA, Maria L. de A.; MARTINS, Maria H. P. **Filosofando: introdução à filosofia** . São Paulo: Moderna, 2009.
- DELEUZA, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor** . Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.
- _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** . Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, v. I.
- _____. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** . Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas** . Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.
- _____. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980: aulas 16 e 23 de janeiro de 1980** . São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.
- _____. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- SERRA, Ordep J. T. "Breve reflexão sobre a tragédia sofocleana Édipo Rei". Disponível em: < <http://ordep Serra.files.wordpress.com/2009/01/breve-reflexao-sobre-a-tragedia-sofocleana-rei-edipo.pdf> >. Acesso em: 07 mar. 2013.
- SANCHES JUNIOR, Carlos Alberto. "Verdade e poder nas práticas judiciais Gregas: de Homero aos trágicos" In: **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences** . Maringá, v. 33, n. 2, p. 217-226, 2011.
- ROMILLY, Jacqueline de . **A Tragédia Grega** . Editora UnB, 1998.
- SÓFOCLES. **A Trilogia Tebana: Édipo Rei / Édipo Em Colono / Antígona**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga** . São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.